

traria do fundo da terra a pedra mais linda para o meu bem. Mas sou escafandrista...

E Elias, esquecido de seu trabalho, procurou abrindo conchas, uma pérola para o seu bem. Quando cansou de procurar, arrancou um punhado de flôres e subiu:

— Meu bem, são flôres do fundo do mar.

E longos dias os dois foram felizes. As flôres do fundo do mar, brancas, finas e sem perfume, enfeitavam aquêl amor.

Elias era feliz até debaixo d'água. Mas, pouco a pouco, foi sentindo uma confusão. Um dia, no fundo do mar, êle viu uma sombra suave, gentil. Ficou tonto:

— E' meu bem.

Pobre Elias, era uma sereia. Era a sereia de sua alucinação. Acaso êle tinha o direito de amar? Os aviadores, os mineiros, os escafandristas têm o direito de amar? Por que Deus lhe dera aquêl destino?

E Elias começou a sofrer no seio da massa líquida, ondulante. Enquanto êle passeava entre os peixes, sua mulher passeava entre os homens. E um homem, um homem da terra, banal, comum, foi visto entrando na casa de Elias, quando Elias estava no fundo do mar. Êle tornou a ver a sereia, mas a sereia estava transformada em bruxa marinha. Era a bruxa do ciúme. E disse a êle:

— Elias, sobe depressa e vai ver uma coisa lá em tua casa.

Elias subiu depressa, foi para casa, e viu. Viu! Elias ficou quase doido. Foi na farmácia, comprou um líquido de mau cheiro e mandou um moleque jogar dentro da casa de seu bem.

E depois? Depois o escafandrista foi recolhido ao xadrez...

A ESTRÊLA

Na varanda havia
Uma estrêla domindo.
Desaparecia,
la-se sumindo...

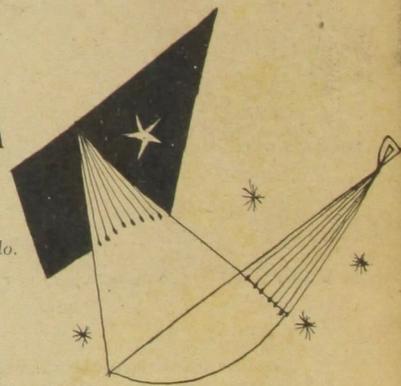
Para quem da vida
Já colheu mil sortes
De desejos tais,
Era uma ferida

Que pensava as mortes
Pêlos hospitais.

Para quem sonhasse,
A estrêla seria
Uma sombra fria
Consolando a face...

Um talvez sorrisse,
Ou nenhum chorasse.

Filho, sobrinho, irmão e primo de poetas, A. G. F. não bobeou em matéria de versos, e foi fazendo os seus com desembaraço e vontade. Tem hoje uns seis volumes publicados e alguns prêmios literários. É sua a antologia dos poetas modernistas mineiros. Editou há pouco as "Poesias Completas" de seu pai, o grande simbolista Alphonsus de Guimaraens, numa edição de que vale a pena tomar conhecimento.



ALPHONSUS
DE
GUIMARAENS

FILHO

O amor do escafandrista

O escafandrista vê a terra com olhos de peixe e o fundo do mar com ôlho humano. E como será o coração de um escafandrista? Elias responde a nossa pergunta. Elias vive em Santos. Desde muito cedo se habituou a respirar por um canudo e sentir sôbre os ombros o pêso da massa líquida. Uma paisagem de algas é para êle tão familiar como uma paisagem de bananeiras. Elias ganha a vida no fundo do mar para gastá-la em cima da terra.

Um dia, entre dois mergulhos, Elias amou. Seu coração bateu mais forte. Desceu perturbado. Pela primeira vez sentiu-se mal no fundo do mar: aquela mulher que ficara lá em cima, bela e sorridente, na terra cheia de sol, não saía de seus olhos. Dentro do globo metálico, a cabeça de Elias se curvou, e êle sentiu os olhos úmidos. Pobre Elias! Meditava.

— Se eu fôsse aviador, voaria sôbre a casa de meu bem jogando flôres. Se eu fôsse mineiro,

RN 468
8.11.46
CM 13.9.51
N 154